

# CADERNO DO XV FÓRUM BRASILEIRO DA ACP



## XV FÓRUM BRASILEIRO DA ACP

VASSOURAS / RJ · 2025

### REALIZAÇÃO:



**XV FÓRUM BRASILEIRO DA ACP**

Associação Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa

### PARCERIA SOCIAL:



**COLETIVO  
MULHERES ACP**



### PARCERIA INSTITUCIONAL:



**CONEXÃO  
FORMATIVA**  
DESENVOLVIMENTO  
PROFISSIONAL CONTRA NA PESSOA



**GFH**  
Grupo  
Florescimento  
Humano



### APOIO LOGÍSTICO:



**Brindes Rio**  
Representações e Comércio de brindes



**VASSOURAS**  
ECG RESORT

# **XV FÓRUM BRASILEIRO DA ACP**

VASSOURAS - RJ  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Camila Aparecida Rodrigues  
Bibliotecária CRB - SP-010133/0

Caderno do XV Fórum Brasileiro da Abordagem  
Centrada na Pessoa [livro eletrônico]. --  
Rio de Janeiro : Matilha, 2025.  
PDF

Vários autores.  
Vários organizadores.  
Bibliografia  
ISBN 978-65-985317-7-5

1. Abordagem Centrada na Pessoa (ACP)  
2. Psicologia humanista 3. Relações humanas.

26-367745.0

CDD-150.198

## **Índices para catálogo sistemático:**

1. Abordagem centrada na pessoa : Psicologia 150.198



**XV FÓRUM BRASILEIRO DA ACP**  
VASSOURAS / RJ · 2025

---

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO**

André de Barros Nerys  
Felippe Gonzales Del Bosco  
Fernanda Insfran  
Luciana Madeira Gemal  
Marcia Alves Tassinari  
Marcia Carla Guimarães  
Priscila Rossi  
Vania Graciano

### **GFH EDITORA E LIVRARIA**

Wagner Durange  
Larissa Pereira

### **DIAGRAMAÇÃO E LAYOUT**

Fernanda Fonseca

#### **Nota do Editor:**

Os textos apresentados são de criação original dos autores, que responderão individualmente por seus conteúdos ou por eventuais impugnações de direito por parte de terceiros.

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> GFH Editora e Livraria	<b>06</b>
<b>A VELHICE COMO QUESTÃO</b> Carine Michele Cecchin	<b>08</b>
<b>DISCUSSÕES ACERCA DAS COMUNIDADES CENTRADAS NA PESSOA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> Hian Soares Teixeira Michelle Conceição Guimarães Silva	<b>09</b>
<b>ENTRE O DESCONFORTO E O PERTENCIMENTO</b> Terezinha Melo	<b>12</b>
<b>DIÁLOGOS ENTRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> Michelle Conceição Guimarães Silva Wagner Teixeira Durange	<b>14</b>
<b>RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIAL: O GRUPÃO E AS DISPUTAS NA ACP</b> Priscila da Silva Gonçalves Xavier	<b>16</b>
<b>VER, ESCREVER, ESCUTAR: UM EXERCÍCIO DE PRESENÇA</b> Vitória Luna	<b>18</b>
<b>GRUPO TERAPÊUTICO ATELIÊ DE ENCONTROS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> Glória de Lima Albuquerque de Luna Paula Andreza Ferreira da Silva	<b>21</b>
<b>RODA DE CONVERSA DESAFIOS DA PROFISSÃO - DESCOBERTA EM ANDAMENTO</b> Bernardo Carielo Macedo de Oliveira Pinto Danielle Gurgel da Fonseca	<b>24</b>

# SUMÁRIO

<b>ACP E INTERSECCIONALIDADE: REFLEXÕES E PARTILHAS</b>	<b>27</b>
Roberto Ricardi Costard	
<b>OFICINA LÚDICA: O JOGO DE TABULEIRO #TAMOJUNTO - EMPATIA E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA</b>	<b>29</b>
Flávia Passos Soares	
<b>MANIFESTO</b>	
Adriana Ferreira de Almeida	
Amanda Cardoso Braga	
Cecília de Paula Nascimento e Silva	
Isadora Dias Gomes	
Keliane Veiga da Silva	
Luiz Possedonio da Costa Filho	
Mariana França Alves	
Tamiris de Cassia Batista	<b>32</b>
<b>HOMENAGEM DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO XV FÓRUM BRASILEIRO DA ACP À FERNANDA LIMA RODRIGUES (1984-2024)</b>	
Escrita criada coletivamente pela Comissão Organizadora do XV Fórum Brasileiro da ACP em homenagem à Fernanda Lima Rodrigues	<b>35</b>



## APRESENTAÇÃO

O Caderno do XV Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa, evento realizado em agosto de 2025, na cidade de Vassouras/RJ, nasce como uma importante inovação editorial e acadêmica no contexto da comunidade brasileira da ACP. Mais do que um registro complementar do Fórum, esta publicação representa um compromisso coletivo com a ampliação, circulação e preservação dos saberes e práticas desenvolvidos no campo da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil.

Construído a partir da colaboração dos editores do GFH Editora e Livraria, em formato de revista digital e distribuído gratuitamente para toda a comunidade da ACP, este caderno reafirma a importância do acesso democrático ao conhecimento, possibilitando que estudantes, profissionais, pesquisadores e interessados possam dialogar com reflexões, experiências e produções apresentadas durante o Fórum Brasileiro.

A proposta desta publicação também surge da compreensão de que a riqueza do XV Fórum Brasileiro da ACP não poderia se resumir apenas à revista científica oficial do evento. Embora fundamental para o fortalecimento do rigor acadêmico e científico, compreendeu-se a necessidade de ampliar os espaços de participação, acolhendo diferentes formas de produção vinculadas à prática, à formação e às experiências humanas desenvolvidas na ACP. Dessa forma, o caderno torna-se um instrumento de valorização da pluralidade de vozes presentes no Fórum, além de ampliar o acesso de estudantes e profissionais aos temas discutidos durante o encontro.

Ao todo, 10 trabalhos foram submetidos para composição desta edição, revelando a diversidade de saberes, experiências e práticas vinculadas à ACP no cenário brasileiro contemporâneo. Os textos aqui reunidos demonstram

a vitalidade da abordagem em diferentes contextos de atuação, reafirmando sua potência ética, clínica, educacional, institucional e social.

Este caderno também expressa uma responsabilidade histórica: documentar parte das experiências vividas durante o Fórum Brasileiro da ACP, garantindo que os encontros, reflexões e produções construídos coletivamente não permaneçam apenas no campo vivencial e afetivo — dimensão tão importante na ACP —, mas avancem também como contribuição teórica, conceitual e metodológica para as futuras gerações. Registrar é, neste contexto, um ato de cuidado com a memória, com a formação e com o desenvolvimento contínuo da abordagem.

Nesse mesmo sentido, esta edição assume uma importante decisão editorial ao incluir o Manifesto apresentado durante um dos grupos realizados no Fórum. Considerando sua relevância ética, política e

histórica para a comunidade da ACP, compreendeu-se a importância de assegurar que o maior número possível de pessoas tivesse acesso ao conteúdo integral do documento, favorecendo o debate, a reflexão crítica e a construção coletiva dos caminhos futuros da abordagem no Brasil.

Esperamos que esta publicação possa incentivar a construção de novos cadernos em futuras edições do Fórum

Brasileiro da ACP, fortalecendo continuamente a produção de conhecimento, a circulação de experiências e o desenvolvimento da ACP com compromisso ético, responsabilidade acadêmica e rigor científico.

Por fim, registramos nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas que participaram do XV Fórum Brasileiro da ACP e que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste projeto: autores e autoras,

organizadores, pareceristas, colaboradores, estudantes, profissionais e toda a comunidade que segue sustentando, construindo e ampliando a Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil.

**Equipe Editorial**  
**Caderno do XV Fórum**  
**Brasileiro da ACP**  
**GFH Editora e Livraria**



## A VELHICE COMO QUESTÃO

Carine Michele Cecchin<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Licenciatura em Filosofia - UNESPAR, Acadêmica do curso de Psicologia – Ugv Centro Universitário – Pós-graduanda pelo GFH. União da Vitória – Paraná – Brasil.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE de 2023 os idosos com 60 anos ou mais, fazem parte de 15,6% da população brasileira, mostrando que este número dobrou nas duas últimas décadas, pois em 2000 esse dado demográfico era de 8,7% dos brasileiros. Grande parte desse aumento de longevidade se deve aos avanços da farmacologia e da medicina que proporcionaram a diminuição do impacto causado por doenças crônicas próprias do envelhecimento (Bomfim; Camargos, 2021). Seguindo esse aumento demográfico as projeções apontam que em 2070 a população idosa será de

37,8% dos brasileiros.

No XV Fórum Brasileiro da ACP o trabalho intitulado “Idosos: desafios e possibilidades na relação de ajuda” levantou questões pertinentes à psicologia, e mais precisamente à Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). O grupo de participantes contou sobre sua experiência com pessoas idosas em casa ou na clínica com clientes, sobre sua própria vivência enquanto pessoa envelhecida e a percepção de si. O próprio Rogers fala sobre sua velhice, “tenho uma consciência nítida de que estou visivelmente velho. Mas internamente sou ainda, sob muitos aspectos, a mesma pessoa, nem velha nem jovem” (2020, p.18). A dimensão

física do envelhecimento com os cabelos brancos e restrição de movimentos, se misturam com os aprendizados ao longo dos anos vividos.

No entanto, a velhice não foi uma questão trazida com ênfase durante os grupões ou pequenos grupos, essa foi a perspectiva de uma das participantes que faz parte do 15,6% dessa população, sua fala foi: enquanto as pessoas velhas não fizerem um movimento como as pessoas pretas fizeram aqui, a velhice não vai ser uma questão. Por fim, espera-se que o tema do envelhecimento populacional passe a ser uma questão na ACP de forma mais presente.

### REFERÊNCIAS

BOMFIM, Wanderson Costa; CAMARGOS, Castro Santos. Mudanças na expectativa de vida no Brasil: analisando o típico e o futuro, de 1950 a 2095. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 29, p. 210 - 223, maio/ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pessoas Idosas com 60 anos ou mais de idade - Censo 2022**. Brasília: IBGE, 2023. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/0c84737978791f626ea10b75eae18b3c.docx](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0c84737978791f626ea10b75eae18b3c.docx). Acesso em: 10 de nov de 2025.

ROGERS, Carl Ransom. Os fundamentos de uma abordagem centrada na pessoa. *In: Um Jeito de Ser*. São Paulo: EPU, 2020.

## DISCUSSÕES ACERCA DAS COMUNIDADES CENTRADAS NA PESSOA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Hian Soares Teixeira<sup>1</sup>

Michelle Conceição Guimarães Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Psicólogo (CRP 10/11385) graduado pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPA). Especialista em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa (IPH-Belém/FAMI). Pós-graduando em Abordagem Orientada à Focalização (ISC/FACOP). Possui experiência em psicoterapia e em plantão psicológico. Pesquisa sobre fenomenologia, suicidologia crítica e psicologia humanista.

<sup>2</sup>Graduada em Psicologia (UNIFAMAZ/PA). Mestra em Psicologia (PPGP/UFPA). Especialista em Psicologia Clínica na ACP (GFH). Atua como Psicóloga Clínica e Pesquisadora.

Na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), formulada por Carl Rogers, a dimensão comunitária é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos. Rogers (1983) observa que, em comunidades centradas na pessoa, os participantes vivenciam simultaneamente a percepção de seu próprio poder e um sentimento de união respeitosa com os demais envolvidos do grupo. Para isso, propõe a criação de comunidades temporárias baseadas em um clima psicologicamente seguro, que favorecem o fortalecimento pessoal e o convívio com as diferenças – ainda que esse aspecto não seja amplamente explorado por ele.

Esse modelo de experiência em comunidades centradas na pessoa segue em vigor no Brasil

por meio de eventos bienais, como o fórum brasileiro e os encontros regionais da ACP, que reúnem a comunidade centrada na pessoa, em sua maioria psicólogos, mas também composta por profissionais e simpatizantes da teoria, como pedagogos, médicos, enfermeiros e pessoas que trabalham com facilitação de grupos. Esses eventos são realizados em uma configuração residencial, ou seja, os participantes ficam imersos ao longo de um período, geralmente uma semana, em um espaço que comporta a vivência em comunidade. No Brasil, o fórum brasileiro já conta com 15 edições realizadas em diversas regiões. Dessa forma, este resumo tem como objetivo refletir criticamente sobre as estruturas relacionais percebidas ao longo do XV Fórum Brasileiro da

Abordagem Centrada na Pessoa.

Este material foi elaborado a partir da observação participante e das vivências de dois psicólogos no XV Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa. Ambos estavam pela primeira vez em um evento dessa magnitude, o que possibilitou observar de forma atenta e refletir sobre a dinâmica de inserção em grandes grupos, denominados no evento como “grupões”, e sobre as relações de poder previamente estabelecidas pelos frequentadores desse tipo de evento. Este relato corresponde a uma narrativa subjetiva, construída a partir da experiência direta dos autores, sem pretensão de generalização, mas com o intuito de levantar reflexões críticas sobre as estruturas, especialmente de poder,

percebidas nas relações grupais, especialmente nesse contexto, que envolve um grande número de pessoas.

O fórum ocorreu em um ecoresort localizado na cidade de Vassouras, interior do Estado do Rio de Janeiro, e contou com a presença de, aproximadamente, 240 participantes de todas as regiões do país. Ao longo desses dias, foram realizados seis “grupões”, dois no primeiro dia e os demais ao longo dos demais dias úteis da semana. No primeiro, foi decidido o cronograma da realização dos demais, alguns pela noite, outros pela manhã ou tarde, e foram dados avisos sobre as demais atividades, divididas em grupos menores nos quais se apresentaram trabalhos e realizaram-se rodas de conversa e oficinas/minicursos, além de que alguns participantes se apresentaram e compartilharam suas expectativas sobre o evento nesse primeiro momento. Nos demais ocorreu a experiência intensiva de grupos proposta pela abordagem, objeto principal deste relato de experiência.

Destacamos que a convivência intensiva, proporcionada pela permanência e alojamento no local do evento, favoreceu as interações sociais entre os participantes e o desenvolvimento progressivo

de um senso de comunidade, tal qual descrito na literatura (Rogers, 1978). Para nós, as relações de afeto construídas e fortalecidas ao longo do encontro foram especialmente significativas, pois facilitaram a transformação pessoal de cada um e a transformação coletiva nos grupos em que participamos. Entretanto, nossa percepção é de que esses espaços de comunidade se constituíram como verdadeiras arenas de disputa de poder, poder este que circulava e transitava entre dois grupos principais: um mais jovem, atravessado por pautas identitárias e discursos progressistas, especialmente referindo-se às questões étnico-raciais, de gênero e de orientação sexual; e outro composto por participantes mais velhos que já frequentavam esse tipo de evento há mais tempo, aparentemente alheios ou pouco engajados às discussões do outro grupo. Ou seja, identifica-se um encontro e confronto entre grupos distintos, tanto do ponto de vista geracional quanto identitário.

Neste embate, que ocorria ao longo da circulação da palavra e do exercício da fala, não necessariamente da escuta, foram reproduzidas violências, especialmente raciais, mas também de gênero e de etarismo, contrariando a idealização de um ambiente harmonioso, empático

e fundado na consideração positiva incondicional. De forma geral, a escuta faltou por parte dos participantes, algo que foi discutido várias vezes ao longo dos grupos – havia uma ânsia pela palavra, pelo se dizer e até pelo dizer o outro. Enquanto que o estado de presença, identificado por meio da sustentação do silêncio e da fala autêntica (Amatuzzi, 1989) foi algo quase que raro, limitado a momentos mais intensos e esporádicos. Assim, o espaço era majoritariamente preenchido pelos relatos de violência e pela violência em si. Neste fórum, a violência racial, minimizada pelo pacto da branquitude (Bento, 2022), marcou as discussões ao longo dos grandes grupos. Ademais, também houve relatos de homofobia ao longo do encontro em outros espaços e de silenciamento de mulheres no grupo maior.

Apesar disso, e quase que paradoxalmente, grande parte das expressões de vulnerabilidade e de falas expressivas ao longo desses momentos também foram acolhidas pelo grupo, algo que se manifestou não apenas por palavras, mas por abraços e lágrimas de solidariedade, promovendo a conexão entre os envolvidos, ao menos essa foi nossa percepção, partindo de nossos lugares de privilégio.

Nessas oportunidades, a escuta empática e o envolvimento existencial diante do relato outro promoveram intensos movimentos internos, até mesmo de reestruturação de personalidade, que consideramos como urgentes para mobilizar o compromisso ético-político dessa comunidade, afinal talvez foi apenas por meio do exercício de tomar consciência da dor do outro que alguns despertaram para a necessidade de um engajamento solidário a partir do exercício da alteridade. Dessa forma, as mudanças evocadas

não se limitam a questionamentos e percepções experienciais, mas ampliam possibilidades de mudanças políticas, éticas e institucionais.

Chegamos a conclusão de que o processo grupal vivenciado durante o fórum é potente para o desenvolvimento pessoal, para o exercício da alteridade, para a convivência com as diferenças e para tomar-se conta dessas diferenças, na expectativa de transformações coletivas, porém também trata-se de uma processualidade complexa e não

isenta de contradições ou de violências, afinal também é regido por relações de poder. Esse tipo de experiência é potencialmente transformadora, uma vivência catalisadora de mudanças pessoais e profissionais. Portanto, emerge a necessidade de se refletir, de se evidenciar e de se discutir mais proeminentemente as dinâmicas de poder dentro dos espaços vinculados à Abordagem Centrada na Pessoa, visando desromantizá-los e abordá-los de forma crítica.

## REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, Mauro Martins. **O resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação**. Campinas: Papirus, 1989.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- ROGERS, Carl Ransom. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
- ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.



## ENTRE O DESCONFORTO E O PERTENCIMENTO

Terezinha Melo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Psicologia, pelo Centro Universitário Celso Lisboa. Psicóloga e Psicoterapeuta, Especialista em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa em atendimento a jovens e adultos, Pós Graduada em Plantão Psicológico - GFH - Grupo Florescimento Humano, Supervisora Clínica com Formação em Supervisão Clínica - GFH - Grupo Florescimento Humano. Pós Graduada em Docência do Ensino Superior - AVM - Instituto a vez do Mestre.

Meu quinto Fórum da Abordagem Centrada na Pessoa. A princípio, senti uma familiaridade. Depois das chegadas, dos abraços, dos beijos, dos encontros e reencontros, como de costume veio ao fim da noite o primeiro Grupão, e logo os primeiros movimentos e palavras tomadas me tocaram de um jeito estranho... me remeteram a lembranças de feridas, de micro agressões e preconceitos vividos por mim no cotidiano e que marcam de modo persistente a vida de quem é mulher, preta, de origem periférica. Reconheci nas entrelinhas do que era dito parte da minha história, e isso provocou um desconforto, um misto de sentimentos e emoções, meu coração acelerou, os pensamentos ficaram confusos. Compreendo que desconfortos em Grupões, também fazem parte da dinâmica, mas ali foi diferente... Outro tipo de incômodo.

À medida em que as rodas de conversa e os encontros dentro e fora das salas aconteciam,

eu fui me dando conta do lugar onde estava, provavelmente, ali teria sido uma Fazenda do século XIX, em Valença, no interior do Estado do Rio de Janeiro, região conhecida, historicamente pela produção de café que dependia intensamente do trabalho de escravizados. Território onde, certamente, corpos negros ocuparam de forma dolorida, violenta e desumana. O enorme painel em mosaico no caminho para acesso a um dos salões me confirmava. Havia um peso no ar.

O meu pensamento era que estar ali era um jeito de ser testemunha, de honrar memórias, de recordar uma história que não começava comigo, que eu estava ali não mais como mão de obra escravizada, mas como presença inteira, pensante. E isso me atravessou profundamente.

Ouvir outras pessoas como eu, com histórias parecidas com a minha, me faziam sentir representada e isso me trouxe conforto e um acolhimento. Percebi a importância de não

apagar o passado porque ele nos ajuda, ensina e permite ver os padrões de injustiça, racismo estrutural e desigualdades, que ainda hoje nos atravessam e nos moldam.

Da minha perspectiva espiritual, compreendi que eu estava ali não só por mim, mas por todos meus ancestrais que tiveram suas vozes silenciadas e a liberdade negada.

E nesse processo um sentimento de pertencimento se acendeu em mim, me senti pertencente a um lugar de reconexão histórica. Algumas coisas eu compreendi e outras, pela primeira vez enxerguei. Compreendi que pertencer não é apenas ser aceita, mas ser reconhecida naquilo que se é. Pertencer é afirmar o direito de existir.

Ao final de uma semana imersa nesse lugar, nessa experiência, voltei exaurida pela intensa vivência, porém voltei com um vivido que me transformou.

## REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes. Impressão 1976.



## DIÁLOGOS ENTRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Michelle Conceição Guimarães Silva<sup>1</sup>  
Wagner Teixeira Durange<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Psicologia (UNIFAMAZ/PA). Mestra em Psicologia (PPGP/UFPA). Especialista em Psicologia Clínica na ACP (GFH). Atua como Psicóloga Clínica e Pesquisadora.

<sup>2</sup>Psicólogo, Psicoterapeuta, Educador. Humanista, atua na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa. Pesquisador em Educação e Cultura Contemporânea, com ênfase em Tecnologias de Informação e Comunicação nos Processos Educacionais (UNESA).

O avanço das tecnologias digitais e da inteligência artificial (IA) tem provocado transformações significativas nas formas de comunicação, trabalho e cuidado humano. No campo da Psicologia, essas mudanças despertam questionamentos éticos e existenciais sobre o papel da presença, da escuta e da relação. Nesse contexto, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), proposta por Carl Rogers (1951; 1977), oferece um marco humanista potente para pensar as implicações da tecnologia, ao reafirmar o valor da autenticidade, da empatia e da consideração positiva incondicional como fundamentos do encontro humano.

O presente relato tem como objetivo refletir sobre uma experiência vivida na roda de conversa “Inteligência Artificial e Abordagem Centrada na

Pessoa: limites e possibilidades”, realizada durante o XV Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa, ocorrido em Vassouras (RJ). A atividade, organizada pelo Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Tecnologias (IACP), vinculado ao Grupo Florescimento Humano, buscou abrir um espaço dialógico para discutir as implicações éticas, afetivas e epistemológicas da IA à luz da ACP.

O relato se baseia em uma experiência vivida em um espaço coletivo de trocas, no formato de roda de conversa. Participaram aproximadamente 40 pessoas de diferentes idades e regiões do país, entre profissionais, estudantes e pesquisadores. O encontro teve caráter aberto e horizontal, em consonância ao que se entende por encontro autêntico e de facilitação de grupos na ACP (Rogers, 1970).

Figura 1 - Registro da Roda de Conversa



Fonte: Autores, 2025.

A roda foi mediada por dois membros do Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Tecnologias (IACP), que introduziram o tema a partir de provocações sobre o lugar da presença humana na era da automação e sobre a possibilidade de diálogo entre a ética humanista e as práticas mediadas por IA. As falas não seguiram uma ordem rígida; o movimento da conversa foi construído pela espontaneidade e pelo interesse dos participantes.

As falas dos participantes evidenciaram uma mistura de curiosidade e receio diante do tema. Muitos relataram sentir desconfiança quanto à substituição da presença humana por máquinas, enquanto outros expressaram admiração pelas potencialidades da IA em contextos educativos e clínicos. Essa tensão entre fascínio e medo revela, como aponta Boff (1999), uma preocupação ética central: a de que o uso de tecnologias não obscureça a dimensão relacional da vida e do cuidado.

No contexto da ACP, o conceito de presença emergiu como eixo central do debate. Inspirados em Rogers (1980), os participantes discutiram como a presença não se limita ao contato físico, mas se relaciona com a qualidade da atenção e da autenticidade no encontro. Assim, o desafio contemporâneo seria compreender como e se é possível sustentar essa presença

mediada por tecnologias.

Também foi ressaltado que a IA não é neutra: carrega marcos culturais, políticos e epistemológicos. Desse modo, refletir sobre IA a partir da ACP exige reconhecer o lugar das relações de poder implicadas no desenvolvimento tecnológico. Essa discussão aproxima a ACP de perspectivas críticas da Psicologia contemporânea, que defendem uma ética situada, atenta às desigualdades e às condições materiais que moldam as experiências humanas.

A roda revelou, portanto, que pensar IA e ACP não é apenas uma questão técnica, mas um convite à revisão do que entendemos por humanidade, cuidado e encontro. A tecnologia, nesse sentido, pode ser vista não como inimiga da presença, mas como uma nova fronteira para pensarmos a Psicologia e suas relações, desde que mantido o

compromisso ético com a pessoa como centro da relação.

A experiência da roda de conversa demonstrou a necessidade urgente de abrir espaços dialógicos sobre o impacto das tecnologias na Psicologia e na ACP. A multiplicidade de vozes, emoções e inquietações que emergiram aponta para a importância de uma escuta ampliada, não apenas entre pessoas, mas entre campos de saber.

A ACP, ao reafirmar o valor da confiança na tendência atualizante do ser humano, oferece um horizonte ético potente para lidar com a incerteza tecnológica. Contudo, como destacou a roda, esse horizonte não deve ser idealizado, mas revisitado criticamente: é preciso compreender que a presença, a empatia e o encontro também se transformam nas novas ecologias digitais.

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROGERS, Carl Ransom. **Terapia centrada no cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1951.
- ROGERS, Carl Ransom. **Grupos de encontro**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- ROGERS, Carl Ransom. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.



## RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIAL: O GRUPÃO E AS DISPUTAS NA ACP

Priscila da Silva Gonçalves Xavier<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga, graduada pela Universidade Estácio de Sá (2010). Especialista em Psicologia Clínica pelo Centro de Psicologia da Pessoa – CPP (2013). Possui experiência profissional em distintos contextos de prática psicológica, incluindo atendimento clínico individual, acompanhamento de pessoas com déficit cognitivo, atendimento psicológico a escolares e seus familiares, bem como atuação em Serviço de Psicologia Aplicada. Formação introdutória em Comunicação Não Violenta pelo CEPUERJ/UERJ (2026). Participou do IX Fórum Brasileiro da ACP (2011), em Salvaterra/PA; o XII Fórum Internacional da ACP e o X Fórum Brasileiro da ACP (2013), realizados em Cumbuco, Fortaleza/CE; e o XV Fórum Brasileiro da ACP (2025), em Vassouras/RJ.

Era dia 18 de agosto, por volta das 9h – ou talvez não fossem exatamente 9h, a imprecisão temporal já era um prenúncio do que viria. Como era de se esperar, o “Grupão” demorou a efetivamente começar, e aquela espera inaugural pareceu cristalizar a atmosfera que se seguiria. Observei as dinâmicas de conexão, ou a falta delas: pessoas que já se conheciam formaram rapidamente seus círculos fechados, outras permaneceram estáticas, isoladas, e outras ainda vagueavam sem um movimento específico ou propósito claro. O ambiente, que teoricamente deveria ser acolhedor, era profundamente estranho. Articulado melhor a sensação, parecia que todos nós precisávamos desesperadamente de um “quebra-gelo”, algo que gerasse uma conexão genuína, pois tudo estava desconexo e angustiante.

Era visível a presença de figuras de grande relevância dentro da ACP, tanto antigas quanto contemporâneas, pessoas cujos textos, livros e trabalhos são norteadores para a própria abordagem. No entanto, aquele ambiente não emanava segurança. Durante a maior parte do tempo, não senti e não vi acolhimento para as falas que relutavam em vir à tona. Pelo contrário, nada soava justo ou prazeroso; o que predominava era uma sensação palpável de dor e uma gritante falta de acolhimento. Havia dores reprimidas, falas silenciadas e, de forma mais crua, violência. Sim, a violência estava presente, sempre presente.

Percebi, então, uma disputa. Não saberia nomeá-la com precisão técnica, mas a senti de forma aguda: uma disputa de falas, uma luta pela primazia da narrativa, com pouca ou nenhuma percepção

do grupo como um todo. Era o foco no próprio umbigo, para ser direta. Assemelhava-se a uma competição perversa de quem viola e de quem é violado, uma arena onde apenas os egos ecoavam.

Por diversas vezes, pensei em ir embora. Não me sentia cabendo naquela proposta. Tudo me angustiava e me recusei a me encolher para me fazer caber. Os incômodos eram sufocantes. Questionava-me repetidamente se aquele era um ambiente genuíno de desenvolvimento e busca por saberes da Abordagem, ou se havia se transformado em um mero encontro para disputas de poder. Não achava justo nem ético “utilizar” aquele espaço de Fórum como simples “networking”, esvaziando seu potencial transformador.

Ao final de todos aqueles dias de vivência, a síntese que restou foi de muita insegurança,

violência, desrespeito e uma ausência profunda de acolhida e escuta. A experiência serviu para confirmar que o “morde e assopra” se mantém em todas as esferas, e que não há uma “religião ACP” imune aos males do mundo. Estamos todos impregnados de agressividade, racismo e tantas outras mazelas que não nos afastam do viver real ao qual estamos submetidos. Há, sim, aqueles que detêm o poder da fala, mas não o da escuta, e que mantêm uma necessidade férrea de se perpetuar no apogeu, sem entender que a queda também faz parte dos ciclos naturais da vida.

Desse turbilhão, muito conflito emergiu. Não houve um final feliz ou uma resolução harmoniosa. No entanto, houve

o reconhecimento, ainda que doloroso, de demandas atuais urgentes que precisam ser trabalhadas. Ficou claro que cabe individualmente a cada um de nós assumir a responsabilidade por seu mal-estar, refletindo e agindo, seja na posição de oprimido ou na de opressor. O caminho para uma comunidade mais autêntica e congruente, como prega a ACP, começa com esse difícil e necessário autorreconhecimento.

Portanto, mesmo em meio ao caos e ao conflito, a experiência no XV Fórum Brasileiro da ACP em 2025 reverberou profundamente em mim. Aquela vivência, por mais angustiante que fosse, despertou uma busca urgente por retomar os estudos e a atuação na Abordagem,

agora com um olhar renovado para caminhos que transcendem a prática clínica tradicional e pensam a inclusão de forma mais ampla e abrangente. O fato de ter me mantido lá, mesmo quando o desejo de ir embora era avassalador, permitiu reencontrar pessoas, encontrar outras e, sobretudo, me reencontrar com as contradições que também habitam em mim. Os atravessamentos vivenciados foram dolorosos, mas necessários. O conflito suscitado, ainda que não tenha tido um final feliz, funcionou como um catalisador para ajustes essenciais, lembrando-me que o crescimento, na ACP e na vida, frequentemente emerge da dissonância e da coragem de se manter presente dentro dela.

## REFERÊNCIAS

ROGERS, Carl Ransom; WOOD, John Keith; O'HARA, Maureen Miller; FONSECA, Antonio Hélio Lopes da. **Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à Abordagem Centrada na Pessoa**. São Paulo: Summus Editorial, 1983.

CARRENHO, Esther; TASSINARI, Márcia; PINTO, Marcos Alberto da Silva. **Praticando a abordagem centrada na pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2010.



## VER, ESCREVER, ESCUTAR: UM EXERCÍCIO DE PRESENÇA

Vitória Luna<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Psicóloga graduada pela UNIFAFIRE (2015, Recife/PE). Especialista em Neuropsicologia pela Universidade FUMEC e em Fenomenologia, Psicopatologia e Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FELUMA). Atua como psicóloga clínica e realiza avaliação neuropsicológica, com experiência em temas relacionados a raça, gênero, sexualidade e classe.

Conduzi a oficina “*Ver, escrever, escutar: um exercício de presença*” no primeiro dia oficial do XV Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa, em um momento em que as discussões sobre raça, racismo e clínica ainda não ocupavam de maneira central os espaços formais e informais do evento, mas viriam a se intensificar ao longo dos dias seguintes. A proposta da oficina não partia da intenção de representar a vivência negra, mas de deslocar o olhar de quem escuta, convidando terapeutas a se implicarem ética e subjetivamente diante da diferença racial na clínica.

A oficina foi organizada em formato vivencial, com duração inicialmente prevista de uma hora e meia, mas que se estendeu por mais de duas horas e meia, acompanhando o ritmo do grupo e a densidade dos afetos mobilizados. Participaram nove pessoas, entre pessoas negras e brancas. As cadeiras foram dispostas em círculo e, no centro

do espaço, no chão, organizei um pequeno cenário: um tecido, o livro *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, inicialmente fechado, uma frase impressa — “*Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro*” — e imagens de artistas negras, dispostas viradas para baixo e conectadas simbolicamente entre si.

Desde o início, o recorte racial foi cuidadosamente localizado: ao apresentar a frase central como enunciada a partir da experiência de uma mulher negra e ao organizar o espaço com imagens de artistas negras, o olhar do grupo era convidado, pouco a pouco, a se deslocar e a se implicar. Inicialmente convidei as pessoas a se aproximarem da frase central, não de forma interpretativa, mas sensível: como aquela frase as tocava, que imagens internas produzia, que memórias, afetos ou resistências evocava. Inspiradas nas escritas de Conceição Evaristo, escreviam livremente, sem qualquer obrigação de

partilha. Ainda assim, muitas falas emergiram espontaneamente, revelando como aquela frase acionava histórias de força, dureza, sobrevivência, cuidado e silenciamento, especialmente entre as participantes negras, mas também entre pessoas brancas que começavam a se perceber afetadas por algo que não se deixava capturar apenas pela empatia abstrata.

Em um segundo momento, virei as imagens para cima e convidei o grupo a observá-las em silêncio. O exercício não era “imaginar a vida daquelas pessoas”, mas perceber o que se projeta, o que se evita ver, o que se silencia e como aquelas imagens os tocava. Novamente, a escrita foi o caminho de registro íntimo do sentir. As partilhas que se seguiram foram profundamente marcantes: relatos de identificação, emoção e reconhecimento, mas também de queda de fichas importantes.

Algumas pessoas brancas verbalizaram que chegaram

à oficina sustentando a ideia de que “somos todos iguais” e que não percebiam diferenças raciais em sua escuta clínica. Ao longo da vivência, puderam nomear que a diferença está posta, independentemente de ser reconhecida ou não, e que ignorá-la não a elimina, ao contrário, reforça silenciamentos e desigualdades. O deslocamento não se deu por confronto ou acusação, mas por contato, presença e afetação.

No momento final, propus uma última escrita a partir da pergunta: *quais são os desafios para que a psicologia se construa, de fato, como uma prática antirracista?* As respostas evidenciaram tanto limites estruturais da formação quanto a responsabilidade ética individual de cada terapeuta em revisar suas noções de neutralidade, universalidade e escuta.

Muitos participantes re-

lataram, ao final, terem sido surpreendidos pela proposta. Por uma escolha intencional, o título da oficina não entregava explicitamente o recorte racial, o que fez com que algumas pessoas acreditassem que participariam apenas de uma oficina de escrita. Ainda assim, os retornos foram de gratidão e reconhecimento: a vivência foi descrita como um letramento introdutório realizado com doçura, sensibilidade e cuidado, permitindo atravessar o restante do Fórum de outra forma, com o olhar mais atento e a escuta mais implicada desde o primeiro dia.

Para mim, enquanto facilitadora, a experiência também foi profundamente transformadora. Iniciei a oficina tomada por nervosismo e dúvidas, medo de não ser suficiente, de não alcançar o grupo, de não sustentar o espaço. Saí, contudo, preenchida e grata. Grata por ter compartilhado aquele

tempo com pessoas dispostas a se afetar, a rever certezas e a sustentar desconfortos necessários. A oficina reafirmou, em mim, a convicção de que a Abordagem Centrada na Pessoa, ao se comprometer com a experiência vivida, não pode se furtar de considerar as condições sociais, históricas e raciais que moldam essa experiência. Presença, empatia e congruência, quando deslocadas da abstração, tornam-se também práticas éticas e políticas.

Ao tensionar a ideia de neutralidade e convidar terapeutas a se direcionar para o próprio olhar, a oficina buscou cultivar um modo de escuta que reconhece cor, contexto e história como dimensões inseparáveis da singularidade. Não se tratou de ensinar sobre a vivência negra, mas de abrir um espaço onde ver, escrever e escutar se tornaram exercícios de responsabilidade clínica.

Figura 01. Representação dos itens dispostos para a vivência.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 02. Representação dos itens dispostos para a vivência.



Fonte: Autora 2025.

## REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.



## GRUPO TERAPÊUTICO ATELIÊ DE ENCONTROS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Glória de Lima Albuquerque de Luna<sup>1</sup>  
Paula Andreza Ferreira da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda, 2016.2, Recife, PE. Especialista em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa pela UNIVISA-Vitória de Santo Antão-PE, psicóloga clínica, supervisora e facilitadora de grupos.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda, 2016.2, Recife, PE. Especialista em Saúde Pública e Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa pela UNIVISA-Vitória de Santo Antão-PE, psicóloga clínica, supervisora e facilitadora de grupos e professora.

### RESUMO

O presente relato descreve a experiência vivida no grupo terapêutico Ateliê de Encontros, desenvolvido como uma vivência no XV Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa (XV FBACP), realizado em Vassouras-RJ em agosto de 2025. Inspirado nas práticas de grupos, proposta por Carl Rogers, o encontro teve como objetivo proporcionar um espaço de acolhimento, conexão, cuidado e troca a partir do encontro com o outro. A experiência evidenciou a potência dos grupos como dispositivos de cuidado em saúde mental, criando vínculos, favorecendo a expressão e possibilitando o acolhimento de si e sobre a alteridade do outro, em meio a tantos atravessamentos que um fórum pode nos proporcionar.

**Palavras-chave:** Abordagem Centrada na Pessoa; grupo terapêutico; vivência em grupo; conexão humana.

### INTRODUÇÃO

Os grupos terapêuticos, fundamentados na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), configuram-se como espaços de encontro nos quais a autenticidade, a empatia e a aceitação incondicional possibilitam experiências transformadoras (Rogers, 1970). Para Carl Rogers, os grupos oferecem condições para que cada pessoa se perceba como sujeito ativo em seu processo

de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que constrói vínculos significativos com os outros (Rogers, 1978).

O Ateliê de Encontros, faz parte do *Projeto Inspiração ACP* do qual as autoras deste relato são as sócias fundadoras do projeto. A ideia de estruturar o grupo surgiu da compreensão de que a arte pode ser um disparador potente para o encontro humano, criando pontes entre a experiência subjetiva e a relação com o outro.

O *Ateliê* possui uma

característica singular: iniciar cada encontro com um recurso artístico — como vídeo, texto, poema, música ou expressão corporal. Após esse momento inicial, o grupo é convidado a compartilhar como aquela experiência ressoou em cada participante, caso desejem fazê-lo. A partir daí, como facilitadoras, não controlamos os rumos que o grupo irá tomar, respeitando o princípio rogeriano de confiança na tendência atualizante e na sabedoria do processo grupal

(Rogers, 1970).

O grupo terapêutico já acontece no formato online, uma vez por mês, em razão das facilitadoras residirem em estados diferentes — uma em Recife (PE) e outra em Chapecó (SC). No XV FBACP, realizado em Vassouras (RJ), em agosto de 2025, encontraram a oportunidade de vivenciar, pela primeira vez, a facilitação do *Ateliê de Encontros* de forma presencial, com o objetivo de proporcionar um espaço de acolhimento, conexão, cuidado e troca a partir do encontro com o outro.

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O grupo ocorreu em dois momentos durante o Fórum, sendo o primeiro momento com cerca de 26 participantes e o segundo grupo com 04 participantes, onde não se repetiram as pessoas e nem recurso artístico. Cada encontro teve a duração de uma hora e meia e ambos foram facilitados pelas duas autoras, Glória e Paula. O objetivo central do grupo foi oferecer um espaço de acolhimento, conexão, cuidado e troca a partir da experiência genuína do encontro com o outro. Na vivência realizada em Vassouras, optamos por utilizar

como recurso inicial o *olhar*. Cada participante foi convidado a sustentar o seu olhar no olhar do outro por um minuto, buscando a experiência de ver e ser visto, sem pressa, interrupções ou interferências externas.

A proposta favoreceu uma conexão mais autêntica e profunda. Posteriormente, a pedido dos próprios participantes, realizamos um segundo encontro, no qual utilizamos um poema do livro *Pedaços de Mim*, da autora e psicóloga Vânia Graciano, como disparador da experiência. Após a leitura do texto, abrimos para que o grupo compartilhasse suas vivências.

Entre as dificuldades experimentadas por nós facilitadoras, destacamos o desafio de conduzir um grupo numeroso e de forma presencial juntas — algo inédito para nós, autoras deste relato. A experiência nos convocou uma presença autêntica não apenas por meio das condições facilitadoras da ACP, essenciais à condução de grupos terapêuticos, mas também atentas à singularidade de cada participante: seus corpos, territórios de onde vieram, trajetórias e dores únicas compartilhadas.

Entre as vivências significativas, destacaram-se momentos em que as histórias,

mesmo em suas singularidades, se entrelaçavam como em um bordado, no qual a dor e o choro de um participante encontravam eco na dor do outro. Observou-se que pessoas que nunca haviam se visto antes confiaram no grupo a ponto de se abrir e compartilhar, muitas vezes pela primeira vez em voz alta, aspectos profundos de suas experiências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Ateliê de Encontros* demonstrou a relevância dos grupos terapêuticos fundamentados na Abordagem Centrada na Pessoa como dispositivos de cuidado, capazes de favorecer vínculos, promover acolhimento e estimular a expressão autêntica. Essa vivência nos convida a reafirmar a importância dos grupos terapêuticos inspirados na Abordagem Centrada na Pessoa como práticas que resgatam a dimensão humana do encontro. O *Ateliê de Encontros* revelou que a arte pode ser uma via de acesso à subjetividade e à alteridade, promovendo não apenas expressão e acolhimento, mas também a esperança de que, em cada relação autêntica, existe a possibilidade de transformação individual e coletiva.

## REFERÊNCIAS

ROGERS, Carl Ransom. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1970.

ROGERS, Carl Ransom. **Grupos de encontro**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.



## RODA DE CONVERSA DESAFIOS DA PROFISSÃO - DESCOBERTA EM ANDAMENTO

Bernardo Carielo Macedo de Oliveira Pinto<sup>1</sup>

Danielle Gurgel da Fonseca<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Psicólogo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2017, Vitória/ES. Possui formação na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) pelo EncontroACP. Atua como psicoterapeuta e facilitador de grupos, com experiência no trabalho com homens e no acompanhamento de outros profissionais.

<sup>2</sup>Psicóloga formada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em 2017, em Vitória/ES. Possui formação na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) pelo EncontroACP. Atua como psicoterapeuta, monitora de cursos na abordagem e facilitadora de grupos.

Até mesmo escrever um relato, por mais pessoal e descompromissado que seja, requer algum grau de investigação interna. Por vezes, sentimos insegurança em sustentar sozinhos aquilo que fazemos à nossa maneira. Nessa caminhada, buscamos regras e modelos que validem nossas escolhas.

Procuramos a aprovação dos pares antes de submeter um artigo, um trabalho ou mesmo uma postagem nas redes. Aos poucos, nosso trabalho, autêntico e original, vai se convertendo em um formato pré-aprovado.

Com a Abordagem Centrada na Pessoa, aprendemos que, quanto mais nos permitimos agir de acordo com nosso modo de ser, melhores são os resultados, pois o prazer na execução, o ganho pessoal e a sensação de realização superam

outros retornos. E passamos a acreditar que, como escreveu Rogers (1983, p. 30), “[...] quando se sente livre para ser, o indivíduo se move em direção ao crescimento, à maturidade e à socialização.”

Foi a partir dessa premissa que surgiu, em meio ao XV Fórum Brasileiro da ACP, nossa proposta de roda de conversa: *Desafios da Profissão*.

Se o fórum é encontro, nossa roda nasce do encontro. Ou, melhor dizendo, do reencontro de colegas de curso hoje afastados. Após um grupão, enquanto observávamos o mural de eventos, Danielle comentou, já com o cansaço de quem havia recebido muitas negativas: “Bê, eu queria puxar uma roda, mas ninguém aceita fazer comigo. Vamos fazer uma roda de desafios da profissão?” Um imediato

“bora” inundou aquele momento com outra energia, agora de animação e reconhecimento mútuo, como se um desejo íntimo tivesse encontrado eco. Não parecia necessário discutir pormenores de uma proposta que nos soava tão verdadeira. Se é encontro, não precisa ser difícil — só precisa ser verdadeiro.

Escolhemos um bom horário e agendamos nossa roda de conversa. Encontramos no outro a segurança de quem não quer ditar caminhos e decidimos apenas confiar no grupo para trazer suas demandas. No planejamento, bastou reconhecernos como profissionais desafiados cotidianamente: pela falta de transparência na divulgação virtual, pela complexidade dos trâmites burocráticos e pela exigência de produção constante. Por vezes, nos sentimos perdidos

e nem sempre há um espaço onde possamos recorrer.

Diante disso, queríamos oferecer apenas um espaço de escuta verdadeira, sem pressupor que sabíamos o que os participantes precisavam ou desejavam dizer. Assim como víamos o Fórum Nacional se construir ao longo dos dias, trazíamos conosco experiências prévias em cursos e grupos do Encontro ACP, em que testemunhamos a construção de sentido a cada novo encontro. Acordamos, então, que queríamos apenas propor o acolhimento: confiar não é abdicar. Sustentariamos um vazio fértil até que surgisse o primeiro fio que o grupo pudesse puxar.

E puxou.

No dia do fórum, havia o receio de não haver participação, mas chegaram ao grupo psicólogos desafiados — entre iniciantes e experientes. Levamos nossa proposta sem grandes expectativas. Logo,

quase como um desabafo contido, uma participante comentou sobre sua dificuldade em captar clientes com a publicidade que vinha fazendo. Outro acrescentou, criticando a falta de previsibilidade e transparência dos resultados. A roda começou como uma conversa informal entre colegas de profissão que precisavam dar vazão à sua insatisfação. Falamos muito sobre a divulgação em seu aspecto mais concreto: onde, como e de que forma conseguir mais clientes.

Quando o grupo parecia se organizar em torno de um problema “prático”, abriu-se espaço para o íntimo. Surgiram falas que questionavam temas mais profundos e éticos: “Eu me sinto vendendo a minha alma”; “fico calada para não parecer mercenária”. E trouxeram, à roda, seus desconfortos: a necessidade de adaptação e a dificuldade de ser, de modo simples, aquilo em que se acredita.

A partir daí, abrimos

espaço para investigar e trocar perspectivas pessoais. Conversamos sobre o que é, fundamentalmente, o produto que oferecemos — e como gostaríamos de oferecê-lo. Também refletimos sobre o significado da palavra *valor*, aplicado ao nosso contexto. Mais do que buscar um caminho pronto, demos espaço ao sentimento de não estar trilhando nossa jornada profissional no sentido da autorrealização. Facilitar foi menos conduzir e mais cuidar das condições que mantiveram vivo e acolhedor o ambiente dessa investigação em curso.

Esse processo implicava desaprender a ideia de que há um caminho certo a seguir, passando a confiar na relação e na sabedoria de cada profissional. Tobias (2020) expressa esse movimento ao falar sobre o atendimento infantil, numa reflexão que também cabe aqui:

“Desconstruir o que aprendi na universidade e ao longo da vida foi doloroso, arriscado e me trouxe insegurança, pois, dentro desse novo olhar, não se tem uma técnica, um jeito certo e um errado de se fazer. Não há um caminho a ser seguido, há algo a ser construído, existe o meu jeito de estar e a confiança na relação.” (Tobias, 2020, p.27)

Recebemos dos participantes diversos retornos positivos, muitos deles apontando o desejo de continuidade — que se deu nos corredores e alojamentos, madrugada adentro. Mantivemos a promessa, e o grupo seguiu vivo no WhatsApp. Após o fórum, criamos o grupo *Desafios da Profissão* e passamos a realizar encontros mensais. Esses encontros vêm aprofundando e ampliando as questões que emergiram durante o fórum.

Reconhecemos que os participantes, psicólogos da Abordagem Centrada na Pessoa, são trabalhadores sensíveis à tendência patologizante e reducionista do mundo, e têm na congruência uma ferramenta de

trabalho. Tentam criar condições para a realização das pessoas de quem cuidam, mas raramente encontram as mesmas condições em seu próprio fazer profissional. Na publicidade, caminham muitas vezes na contramão de um sistema que exige respostas; já na negociação, precisam aparentar uma segurança que nem sempre possuem. Em cada etapa do contato com o cliente, há uma comunicação atravessada pela necessidade de parecer algo que não condiz com a sensação interna.

Compreendemos que o acompanhamento psicoterapêutico não se limita ao horário do atendimento. Agora tentamos aplicar essa mesma lógica ao

modo de ser profissional do psicólogo. O conflito de buscar sua própria maneira de atuar e não encontrar condições para elaborá-la é, mais que uma demanda prática, um critério de eficácia no atendimento centrado na pessoa. Afinal, como diria Rogers (2009, p.41), “Quanto mais o terapeuta é ele mesmo na relação, sem fachada ou papel, maior a probabilidade de que o cliente cresça”.

Hoje, seguimos aprendendo sobre o potencial que um espaço de troca pode ter para autorizar, com reflexão, acolhimento e ética, de forma que cada profissional encontre sua própria maneira de estar no mundo.

## REFERÊNCIAS

ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa: um ponto de vista da psicoterapia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TOBIAS, Vânia da Silva. Psicoterapia infantil e de adolescente na Abordagem Centrada na Pessoa. *In*: PINTO, Marcos Alberto da Silva (org.). **Abordagem Centrada na Pessoa e algumas de suas possibilidades**. São Paulo: All Print Editora, 2020. p. 23-33.



# ACP E INTERSECCIONALIDADE: REFLEXÕES E PARTILHAS

Roberto Ricardi Costard<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Estudante de graduação em Psicologia pela Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo/SP, Brasil. Terapeuta de Família, Casal e Comunitário, Mediador de Conflitos. Focusing Trainer in Training pelo Instituto Brasileiro de Focusing (IBF) e pelo The International Focusing Institute (TIFI).

## OBJETIVO

A roda de conversa teve como propósito apresentar o conceito de Interseccionalidade e provocar reflexões sobre as possíveis contribuições desse olhar crítico e inclusivo à Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). O intuito foi sensibilizar os participantes para as implicações éticas e práticas da interseccionalidade no campo da ACP, tanto na teoria quanto nas experiências de vida e de cuidado.

## PÚBLICO PARTICIPANTE

Participaram 12 pessoas inscritas no XV Fórum Brasileiro da ACP, entre profissionais e estudantes que compõem a comunidade ligada à Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil.

## METODOLOGIA E DINÂMICA

A atividade iniciou-se com uma breve apresentação teórica e experiencial dos

conceitos de interseccionalidade, incluindo reflexões pessoais do facilitador sobre como esse olhar tem auxiliado e provocado deslocamentos em sua prática profissional e em sua vida pessoal.

Na sequência, foi aberta uma roda de conversa em formato auto-organizado, em que os participantes foram convidados a se implicarem ativamente, relacionando teoria e experiências próprias. O encontro foi construído de modo coletivo, a partir do fluxo das falas, sem roteiro rígido ou técnicas estruturadas, valorizando a espontaneidade e a corresponsabilidade do grupo.

## Breve contextualização teórica

O conceito de interseccionalidade foi formulado inicialmente por Kimberlé Crenshaw (1989), ao destacar como as experiências de mulheres negras nos Estados Unidos não eram plenamente contempladas nem pelas políticas antirracistas nem pelas

feministas, revelando os efeitos combinados de múltiplas formas de discriminação.

Posteriormente, autoras como Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) ampliaram o conceito, discutindo a interseccionalidade como uma ferramenta analítica e política para compreender as estruturas de poder que atravessam raça, classe, gênero, sexualidade, entre outros marcadores sociais.

No Brasil, Carla Akotirene (2023) contribui para uma leitura situada, trazendo a interseccionalidade como instrumento de denúncia e enfrentamento do racismo estrutural, patriarcado e colonialidade em nosso contexto histórico-social.

Na Abordagem Centrada na Pessoa, a reflexão foi sustentada especialmente por Carl Rogers (1977, 1997, 2014), que desde as primeiras formulações enfatiza a centralidade da pessoa em sua experiência singular, destacando atitudes fundamentais como a empatia, a congruência e a consideração

positiva incondicional<sup>2</sup>.

Tais princípios, quando revisitados a partir da interseccionalidade, possibilitam reconhecer como condições sociais e históricas moldam possibilidades de ser e pertencer, desafiando-nos a práticas mais inclusivas e comprometidas com a justiça social.

### Reflexões emergentes e impacto

A troca permitiu aprofundar compreensões sobre:

- como a interseccionalidade pode ampliar a escuta e o acolhimento na ACP;

- a relevância de considerar atravessamentos sociais, como gênero, raça, classe, idade e diversidade funcional, dentre outros, nos contextos terapêuticos e comunitários;

- a importância de revisitar os princípios da ACP sob a lente das desigualdades e exclusões sociais.

Os participantes compartilharam experiências pessoais e profissionais, reconhecendo tanto os desafios quanto às potências dessa articulação. O encontro contribuiu para despertar maior consciência sobre as conexões entre ACP e interseccionalidade,

encorajando o grupo a seguir explorando caminhos de inclusão e pertencimento em seus contextos de atuação.

Essa roda de conversa foi um encontro tocante, envolvido por respeito e colaboração coletiva para a construção conjunta de um espaço de convivência. Sigo engajado em continuar estudando, pensando e falando sobre a temática, de modo a buscar novas formas de incluir quem ainda não está dentro.

<sup>2</sup>Tradicionalmente, esse conceito foi traduzido ao português como “aceitação positiva incondicional”. No entanto, considero mais adequado o uso de “consideração positiva incondicional”, por ser mais fiel ao termo original em inglês (*unconditional positive regard*) e refletir de modo mais preciso a proposta relacional de Carl Rogers.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2023.

COLLINS, Patricia Hill.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, Chicago, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser**. São Paulo: E.P.U., 2014.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl Ransom; STEVENS, Barry. **De pessoa para pessoa: o problema de ser humano, uma nova tendência na psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1977.



## OFICINA LÚDICA: O JOGO DE TABULEIRO #TAMOJUNTO - EMPATIA E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

Flávia Passos Soares<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa pela Faculdade de Governança, Engenharia e Educação de São Paulo. Mestrado e Doutorado na COPPE/UFRJ, Formação em Mediação Familiar pelo Instituto de Mediação e Arbitragem de Portugal/IMAP. Psicóloga clínica, coordenadora da equipe do Núcleo de Convívio da Fiocruz Mata Atlântica e criadora e desenvolvedora do jogo de tabuleiro #TAMOJUNTO da Fiocruz.

A oficina a respeito do Jogo de tabuleiro #TAMOJUNTO, sobre empatia e comunicação não violenta, foi realizada no primeiro dia do XV Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa em Vassouras no Rio de Janeiro. O jogo foi desenvolvido pela Fiocruz Mata Atlântica e foram realizados testes junto ao seu público-alvo (adolescentes, jovens e adultos) a partir da aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa do IOC/Fiocruz. A motivação para sua criação surgiu no ano de 2019, quando o Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht - localizado na Taquara, Rio de Janeiro -, fez um convite à Fiocruz Mata Atlântica para realizar uma palestra sobre Comunicação Não Violenta (CNV) para turmas do ensino médio na semana do Setembro Amarelo.

O desafio era desenvolver uma metodologia lúdica e motivadora, para facilitar novas percepções e compreensões a

partir da CNV que pudessem se integrar a comportamentos e atitudes. Surgiu, então, a ideia de um jogo de tabuleiro, para promover sociabilidades face a face, estimulando reflexões e vivências socioemocionais em um contexto de dependência digital cada vez maior. Neste sentido, destacamos Vasconcellos, Carvalho & Araújo (2018) que apontam a necessidade de ampliar a percepção sobre o uso de jogos na educação, seja na formação profissional ou nas escolas, trabalhando temas transversais importantes para a sociedade. E também a importância do desenvolvimento de uma cultura de empatia, enquanto um desafio e responsabilidade de cada um, facilitando a comunicação entre as pessoas para a promoção de mudanças no aspecto pessoal e social (Tassinari & Durange, 2019).

Importante esclarecer que a Comunicação Não

Violenta (CNV), desenvolvida pelo psicólogo Marshall Rosenberg (Rosenberg, 2006), não constitui uma ferramenta ou técnica de linguagem, pois convida a conexões a partir de maior presença e escuta (de sentimentos e necessidades) em resposta a situações do dia a dia e em nossos diálogos internos. Marshall escolheu a *GIRAFÁ* e o *CHACAL/LOBO* para representar nossas diferentes formas de estar nas relações, facilitando a compreensão de como nossas percepções, atos e palavras podem contribuir para maior empatia, autoconhecimento e cooperação ou para uma dinâmica reativa de ataque-defesa, culpabilização, obediência/punição, comparações, manipulações e julgamentos que promovem isolamento, fragilização de relações e desumanização. Ou seja, quando expressamos nossas necessidades pela via do coração ou do julgamento e crítica, estamos sendo mais *GIRAFÁ* ou

*LOBO* respectivamente.

Marshall escolheu a girafa como símbolo por ser o mamífero terrestre que possui o coração de maior tamanho e ter um grande pescoço que permite uma ampla visão, e o lobo por sua representação cultural em nossa sociedade associado à dominação e agressividade. Cada um de nós, em diferentes momentos e contextos socioemocionais, pode se perceber nessas duas formas de estar no mundo. E ao trazermos atenção e consciência para reconhecer o modo como nos relacionamos, podemos nutrir uma intenção firme de maior compreensão e cuidado diante de aspectos internos que

se refletem em nossas relações interpessoais, com a sociedade e o ambiente. Em conversas difíceis, pode ajudar na expressão de sentimentos e necessidades não atendidas de forma a facilitar a escuta do outro, mas não pode garantir o diálogo, pois este depende do interesse dos envolvidos.

O desenvolvimento deste jogo de tabuleiro teve como objetivo sensibilizar, promover reflexões e práticas em grupo para facilitar a escuta de si e dos de-mais e sensibilizar os participantes sobre comportamentos empáticos, ao despertar interesse por um maior autoconhecimento (necessidades e sentimentos),

relações interpessoais, escuta ativa, diferentes percepções e experiências que contribuem para a promoção de um bem viver.

O objetivo é cooperativo e envolve percorrer a espiral do tabuleiro até o final (15 pontos) afirmando a cada rodada se a carta Situação é Lobo ou Girafa e realizando atividades ou vivências em grupo a cada escolha. Ao longo do jogo a proposta é de um acolhimento simbólico da nossa natureza empática Girafa às reações automáticas e comportamentos Lobo que muitas vezes temos, para maior autoconhecimento e consciência a cada momento.

Figura 1: Foto do jogo de tabuleiro #TAMOJUNTO.



Fonte: foto Game Maker, 2024

Houve participação de cerca de 20 pessoas na oficina, inclusive de profissionais com grande experiência no tema, que trouxeram ricas contribuições para o aperfeiçoamento do jogo que será lançado na Fiocruz Mata Atlântica em dezembro

deste ano. Os componentes do jogo terão um QR Code para acessibilidade, e o jogo com seu manual ficará disponível para download na plataforma de acesso aberto EDUCARE da Fiocruz (<https://educare.fiocruz.br/>), que, conforme sua página na

internet, constitui um espaço de colaboração, criação e diálogo, que integra as diferentes etapas do ciclo de vida dos Recursos Educacionais criados pela Fiocruz ou por redes de parceiros institucionais.

## REFERÊNCIAS

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Editora Ágora, 2006.

TASSINARI, Márcia. & DURANGE, Wagner. (org.). **Empatia: a capacidade de dar luz à dignidade humana.** Curitiba: CRV, 2019.

VASCONCELLOS, Marcelo Simão *et al.* **O jogo como prática de saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2018.



## MANIFESTO O GRITO PRESO NA GARGANTA<sup>1</sup>

Adriana Ferreira de Almeida  
Amanda Cardoso Braga  
Cecília de Paula Nascimento e Silva  
Isadora Dias Gomes  
Keliane Veiga da Silva  
Luiz Possedonio da Costa Filho  
Mariana França Alves  
Tamiris de Cassia Batista

Era 17 de agosto de 2025. Quando viajávamos para cá, passando horas em um ônibus, alguns pensamentos e sentimentos nos invadiam. Para onde estamos indo? Se precisarmos de socorro, como ele pode acontecer? Por que essa sensação de que estamos sendo levados a um lugar muito perigoso? Por que estamos com medo?

Nossos corpos antecipavam algo que a consciência ainda não conseguia simbolizar. E, pouco a pouco, cada um dos cinco sentidos veio participar dessa experiência, tão individual quanto coletiva.

Chegamos. Ofereciam bebidas gratuitamente para quem já havia chegado. Quanta riqueza, mas só para alguns. Que lugar imenso, que vastidão! Quanta estranheza...

Esperávamos sentir bem-estar, mas a imagem do casarão azul e branco (igualzinho aos dos

livros de história) não permitiu. Arrepio na espinha. Ânsia de vômito. Quem é o dono desse lugar? Há quanto tempo ele é dono dessas terras? Quais mãos construíram tudo isso? Por que as pessoas estão rindo e se divertindo? Muitas informações e sensações atravessavam nossos corpos, mas eram apenas os primeiros instantes.

Na hora da primeira refeição, começamos a fazer aquela avaliação quase automática da organização racial do lugar. Os únicos funcionários brancos são os recreadores, que interagem diretamente conosco. Os funcionários negros, com pele mais clara, estão nos servindo diretamente. Já os de pele retinta, trabalham quase escondidos na cozinha e carregando nossas malas. Eles se vestem de preto, e seu principal trabalho é não serem notados. Todos eles (inclusive as camareiras) se movem em um balé silêncio-

so, e seus olhos comunicam um permanente pedido de desculpas a cada simples necessidade de realizar seus trabalhos.

Vocês já repararam nas proporções desse lugar? Nossos olhos ainda não se acostumaram com o tamanho dessas palmeiras, dessas janelas. Viram quantas janelas? Quem colocou essas janelas? E pra que tantas janelas? A verdade é que já fazem cinco dias que a história e o significado desse lugar estão expostos aos nossos olhos, impactando nossos corpos. E qual o sentimento do aqui e agora? Enquanto pisamos esse chão tão cheio de história, que legitimidade temos para solicitar gentil e elegantemente aos nossos pares que, por favor, não sejam racistas? Será que deveríamos mesmo estar aqui? Será que deveríamos estar aqui na posição em que estamos? Será que também deveríamos pedir desculpas? Agradecer? Será que

também deveríamos andar em um balé sorridente e silencioso para não incomodar a paz e a alegria do grupo? Mas nós também queremos alegria, então vamos para a festa.

Vamos nos divertir, merecemos esse descanso! Arrumamos nossos cabelos, nos banhamos, nos perfumamos, esperando ter uma sensação de alívio. Subimos as escadas. À nossa frente, o que é aquilo? Um mosaico de pastilhas coloridas, delicadamente construído, ocupando uma parede inteira. Impressionante. Pecinha por pecinha, desenhando uma cena. Que cena é essa? Talvez seja preciso dar um passo atrás e descer dois degraus para, infelizmente, conseguir enxergar. Que absurdo é esse? Vocês viram? Quantos de vocês viram? Quando viram? Como se sentiram?

Para quem não viu ou não sentiu, segue uma descrição superficial: seis pessoas trabalhando no que parece ser uma fazenda de café. Todos negros. As duas pessoas negras com rostos visíveis estão com expressão de sofrimento. Um deles está exposto, sem camisa. Todos estão descalços. Mas há uma pessoa branca estrategicamente posicionada no canto superior do painel. Um homem branco

bem vestido, de mangas compridas e botas, com dedo em riste, aparentemente dando ordens a uma pessoa que aparece de cabeça baixa, em posição de subserviência. Ao fundo da cena, um casarão. Branco, de janelas azuis. A gente já viu esse casarão na entrada do hotel. É a cena da história do hotel onde estamos.

A tentativa de descrever nossa experiência com o ambiente onde estamos vivendo o XV Fórum da ACP é um pedido por uma escuta empática, porque esse lugar tem uma aparência que nos convida, mas ao mesmo tempo parece que não era para estarmos aqui. E, se prezamos tanto por criar um ambiente seguro e facilitador, acreditamos que não foi a intenção da comissão nos trazer para um ambiente tão ofensivo.

Somos muitas pessoas negras participando deste evento. Com certeza o Fórum Brasileiro com mais pessoas pretas e pardas, em quantidade e em proporção. Contribuiu para isso o fato de que foram ofertadas 3 bolsas integrais e 5 bolsas parciais exclusivas para pessoas negras, além de outras bolsas sociais. Nossa coletividade integra psicoterapeutas, professoras, mestres, doutoras, pessoas que es-

tão contribuindo diretamente para a construção e atualização da nossa abordagem. E, mesmo com vergonha, expostos, com medo, estamos criando uma forma completamente nova de estarmos aqui.

Nosso objetivo com esse manifesto não é culpabilizar a comissão organizadora, que, voluntariamente, fez o melhor que pode com as condições que encontrou para realizar este evento. Mas é trazer uma importante reflexão sobre a consciência de algumas escolhas, pois é custoso sustentar a incongruência de contribuir financeiramente para algo tão agressivo contra nós mesmos. É urgente que as próximas comissões se empenhem em uma organização tão antirracista quanto possível.

Queremos compartilhar o que estamos vendo e vivendo, pois não temos certeza se essa é a percepção de todos. Além disso, é importante destacar que estamos falando deste espaço (do que acontece aqui e agora), mas também de algo que é um retrato da realidade brasileira, que circula permanentemente pelos nossos corpos.

Por todos esses motivos, encontramos legitimidade em dizer: nos vejamos.

Vassouras, 21 de agosto de 2025.

<sup>1</sup> Este texto foi redigido por Adriana Ferreira de Almeida, Amanda Cardoso Braga, Cecília de Paula Nascimento e Silva, Isadora Dias Gomes, Keliane Veiga da Silva, Luiz Possedonio da Costa Filho, Mariana França Alves e Tamiris de Cassia Batista, mas contempla relatos compartilhados das vivências de dezenas de pessoas. A cópia física do documento foi primeiramente assinada pelo máximo de pessoas negras presentes que conseguimos acessar, posteriormente foi lido para toda a comunidade e assinado por mais apoiadores, perfazendo um total de 114 assinaturas. Caso seja de seu interesse, é possível manifestar apoio por meio de petição online (QR code abaixo), tendo ou não assinado o documento original.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Ferreira de *et al.* Manifesto: o grito preso na garganta. Revista Ciência & Saúde, v. 14, n. 1, edição especial, 2025. DOI: 10.35572/h9tyke51



## HOMENAGEM DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO XV FÓRUM BRASILEIRO DA ACP À FERNANDA LIMA RODRIGUES {1984-2024}



Uma passagem rápida, se olharmos cronologicamente, mas uma passagem potente, cheia de coragem e intensidade. Fernandinha se foi, mas deixa uma inspi-

ração para a vida, uma valorização da vida nos seus detalhes e desafios.

A mensagem que ela escreveu com sua própria vida é sobre abraçarmos a nossa existência com tudo o que faz parte dela! De entendermos que o caminho é junto, não apenas ao lado. Junto na luta, junto na troca, inclusive, das nossas vulnerabilidades...

Sobre caminhar com Fernanda, foi um caminhar marcado por um compartilhar de experiências comuns, que ocorreram por origens diferentes, mas que ao se encontrarem, conversaram como duas amigas confidentes. Foi também um caminhar marcado

por um apoio constante à celebração da vida e do amor, deixando-nos com a mensagem de que a vitória não está no final, mas sim na capacidade de sabermos lutar!

Fernanda nos inspirou com sua força, profundidade, sinceridade, voz mansa e o jeito respeitoso e autêntico de ser.

Com seu jeito de ser, acolhia com seu olhar, tinha uma presença que abraçava e um sorriso que iluminava!

Essa é a Fernanda aos nossos olhos, a Fernanda que nos marcou, que levaremos para sempre em nossos corações...

Escrita criada coletivamente pela Comissão Organizadora do XV Fórum Brasileiro da ACP em homenagem à Fernanda Lima Rodrigues.

